

O LADO PITORESCO DA VIDA NAVAL

As histórias aqui contadas reproduzem, com respeitoso humor, o que se conta nas conversas alegres das praças-d'armas e dos conveses. Guardadas certas liberdades, todas elas, na sua essência, são verídicas e por isso caracterizam várias fases da vida na Marinha.

São válidas, também, histórias vividas em outras Marinhas.

Contamos com sua colaboração. Se desejar, apenas apresente o caso por carta, ou por *e-mail*.

O ESPADIM* DO ALMIRANTE

Essa história começa em 20 de janeiro de 1941, com a criação do Ministério da Aeronáutica, pelo decreto do Presidente Getúlio Vargas. Em maio do mesmo ano, o Presidente assinou uma nova ordem, criando a denominação Força Aérea Brasileira (FAB), dando individualidade à Força (segundo o próprio *site* da FAB). O Brasil vivia tempos da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com o decreto presidencial, entre outras providências, a Marinha deveria transferir militares, aviões e instalações para a Aeronáutica, a chamada Força Aérea Nacional.

Acredito que nessa época o Aviador Naval João Francisco Milanez Filho foi

transferido para a FAB, tornando-se, portanto, um oficial da Aeronáutica. Além de aviador, era um oficial brilhante e engenheiro aeronáutico diplomado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos Estados Unidos. A brilhante carreira o levou a ser promovido a brigadeiro, depois de várias outras funções exercidas como coronel, sendo nomeado, em dezembro de 1958, diretor do Parque de Aeronáutica de São Paulo (Pasp, hoje Pama), localizado no Campo de Marte, na capital paulista.

O brigadeiro era o chefe do meu pai, primeiro-tenente (especialista em motores) da FAB, José Rosa Batista. Eu havia

*N. R.: Espadim é uma espada em escala reduzida, com todas as características daquela, surgido por volta da segunda metade do século XVII. Arma, por excelência, da nobreza, dos altos oficiais das Forças Armadas e de mestres especializados. Nas academias militares de diversos países, é comum a sua utilização pelos aspirantes a oficial. No Brasil, o espadim é símbolo dos aspirantes da Escola Naval, que os recebem por ocasião da Cerimônia de Juramento à Bandeira.



Espadim da Escola Naval

nascido em 1954, no Hospital do Pasp (hoje conhecido como Hasp – Hospital da Aeronáutica em São Paulo). Contava meu pai que, no dia do meu nascimento, recebi a visita do então Coronel Milanez, uma demonstração de afeto e consideração pelo Tenente Batista, seu subordinado. Nessa época, o então coronel tinha um filho recém-formado na Escola Naval, em 1956.

Meus pais moravam na Vila Militar do Pasp, e eu passei a ser chamado de “Batistinha” (diminutivo do nome de guerra de meu pai). Como criança, passava muito tempo brincando dentro de grandes aeronaves da época (B-17 Fortalezas Voadoras, B-25 e 26, Catalinas e Albatrozes, além dos C-47 Douglas e C-60 Lodestar, aeronaves de transporte e cargueiros), tanto na área destinada às sucatas quanto no hangar 20, onde meu pai chefiava a Divisão de Manutenção de primeira linha.

Nessa época, minha mãe (carioca) aproveitava as constantes viagens a serviço do C-60 Lodestar do Pasp ao Rio para pegar carona e visitar a família Barreira, no Rio de Janeiro. Eu, com dois ou três anos, acompanhava minha mãe e, por vezes, admirava o espadim de um dos passageiros, fardado de branco

(diferente dos outros militares de cáqui, cor do uniforme da FAB na época). O passageiro de uniforme branco era o Aspirante Carlos Alberto do Valle Milanez (filho do Coronel Milanez), que cursava a Escola Naval e aproveitava as caronas da FAB para visitar os pais em São Paulo, nos finais de semana.

Eu me lembro de um dia, provavelmente em 1958/9, que havia alguma comemoração envolvendo demonstração aérea feita por avião a jato, uma novidade da época. Os oficiais se reuniram no gramado, adjacente ao hangar 20 do Pasp. Havia algumas cadeiras destinadas às autoridades, e uma delas era a do diretor, Brigadeiro Milanez, que se acomodou para desfrutar daquele momento histórico, em que o Pasp receberia o primeiro jato F-8 Gloster Meteor para inspeções de manutenção. Eu, garoto de quatro/cinco anos, fiquei por perto observando toda a movimentação (meio escondido entre as árvores). A ansiedade de todos era grande, olhando o céu na direção do Centro da cidade de São Paulo, onde se destacava a torre do maior prédio, o do Banco do Estado de São Paulo, no horizonte. Era um dia ensolarado, o que dificultava a visualização do céu, e um brilho surgiu muito baixo sobre o telhado

da sede do aeroclube que compartilhava a pista do Campo de Marte. O brilho era o reflexo do Sol na estrutura prateada do F-8, que vinha rasante em nossa direção. A emoção foi rapidamente transformada em susto quando ouvimos o estrondo tardio das turbinas, após a passagem do Gloster. O Brigadeiro Milanez, sentado numa cadeira mal apoiada na grama, com o susto, caiu de costas, provocando uma grande correria de todos os presentes nas proximidades. Não houve maiores danos, a não ser as consequências disciplinares ao piloto do F-8, Capitão Vahia, depois de pousar no Pasp.

O tempo passou. Eu, o antigo Batistinha, tornei-me o Comandante Barreira, aviador naval. O antigo Aspirante Milanez tinha se tornado o Almirante Milanez, comandante da Força de Fragatas da Marinha nos anos 90, depois de ter comandado a Fragata *Niterói* de 1983 a 1985. Durante este período, tivemos a oportunidade de conversar sobre os nossos pais (da FAB) nos tempos de Pasp. Eu, capitão-tenente, comandava alguns Destacamentos Aéreos Embarcados (DAE), pilotando um Lynx, que compunha o sistema de armas da Fragata *Niterói*, sob comando do Capitão de Mar e Guerra Milanez.

Já nos anos 90, uma coincidência: a Fragata *Niterói* nos uniu novamente.

Era uma Força-Tarefa operativa (não me lembro qual delas). Eu comandava o DAE, e o Almirante Milanez era o comandante da Força-Tarefa, também embarcado com todo seu Estado-Maior, na mesma Fragata *Niterói*. Foi uma operação muito movimentada, em que tudo havia corrido bem, no *freeplay* de encerramento sob comando do Almirante, com a participação do Lynx, dando o golpe fatal na Força do figurativo inimigo naquela noite, véspera de atracação no Rio de Janeiro. Era momento de comemoração e despedida dos embarcados. O comandante do navio programou um coquetel na praça-d'armas, reunindo toda a oficialidade embarcada. Fez o discurso inicial, enaltecendo o sucesso alcançado, como de praxe, passando a palavra ao mais antigo, Contra-Almirante Milanez, que iniciou dizendo, sob o olhar atento de toda oficialidade presente:

—Prezado comandante da Fragata, meus prezados oficiais de Estado-Maior e toda a tripulação da Fragata *Niterói*, muito obrigado pelos dias a bordo deste navio que me traz gratas recordações como ex- comandante. Parabéns a todos pela eficiência.

Visivelmente emocionado, o Almirante continuou, após um breve respiro.



Juramento à Bandeira de aspirantes da Escola Naval

– Esses dias a bordo me fizeram lembrar meu falecido pai, Brigadeiro Milanez, ex-aviador naval, ao reencontrar o Batistinha, aquele garoto que perambulava pelos corredores do Lodestar do Pasp, onde por vezes eu aproveitava a carona de volta da Escola Naval, nos anos 50. O Batistinha adorava o brilho do meu espadim, e, por vezes, mantínhamos uma conversação sobre o assunto.

Os ouvintes da praça-d’armas se entreolharam, perguntando quem seria o Batistinha, menos eu.

O Almirante continuou com ar emocionado, dizendo:

– Parabéns ao DAE do HA-1 embarcado, comandado pelo Batistinha, hoje Comandante Barreira. Um brinde à Marinha, que, apesar de tudo, permaneceu operando uma Aviação Naval, irmanada aos nossos fraternos companheiros da FAB.

Brinde realizado, descontração estabelecida na praça-d’armas e cumprimentos efusivamente realizados entre os presentes, até que o Almirante, sob respeitoso olhar de todos, retirou-se para um merecido descanso.

Mal a porta da praça-d’armas se fechou, todos os olhares se dirigiram a mim!

Não me lembro qual dos oficiais me dirigiu a pergunta que pairava no ar:

– Quer dizer, Batistinha, ops... Comandante Barreira, que você já admirava espadim de almirante desde pequeno? Isso sim é investir desde cedo na carreira!

A gargalhada foi geral e gera frutos até hoje (às vezes).

*José Luiz **Barreira** Batista
Capitão de Mar e Guerra (Ref^o)*

N.A.: 1- Meu profundo respeito à memória do falecido Almirante Milanez, um dos inspiradores da carreira que trilhei, da qual muito me orgulho.

2- Meu particular agradecimento ao Capitão de Mar e Guerra (Ref^o) Fernando Antônio Borges Fortes de Athayde Boher (iniciais FABFAB), meu consultor para assuntos relativos à FAB (entre outros), meu amigo e companheiro de Grupo de Fiscalização e Recebimento de Helicópteros na França (GFRHF), além de filho e irmão de oficiais da FAB.

3- Homenagem à minha turma de Marinha, representada pela ATAC – Associação da Turma Aspirante Conde –, que completa 50 anos de recebimento do nosso honroso espadim.